

# **EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS APÓS A MATERNIDADE**

Alana Porto Alegre

Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização em  
Avaliação Psicológica - sob orientação da  
Doutoranda Silvana Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Porto Alegre, fevereiro/2011

## SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO .....	2
2 INTRODUÇÃO.....	3
3 OBJETIVOS .....	8
3.1 Objetivo geral .....	8
3.2 Objetivos específicos .....	8
4 MÉTODO .....	9
4.1 Delineamento .....	9
4.2 Participantes.....	9
4.3 Coleta de dados.....	10
4.4 Análise dos dados .....	11
4.5 Considerações éticas .....	12
5 RESULTADOS .....	13
6 DISCUSSÃO .....	18
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	23
REFERÊNCIAS .....	25
Anexo A: Termo de consentimento livre e esclarecido.....	27
Anexo B: Ficha de dados sociodemográficos.....	28
Anexo C: Roteiro para entrevista semiestruturada.....	30
Anexo D: Transcrição da entrevista com a participante 1: Jane, realizada no dia 23/08/2010.....	31
Anexo E: Transcrição da entrevista com a participante 2, Lia, realizada no dia 13/09/2010.....	39
Anexo F: Transcrição da entrevista da participante 3, Carla, realizada no dia 17/11/2010...	41

## **1 APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO**

Nas últimas décadas, é visível a expansão da participação feminina no mercado de trabalho, onde a mulher desempenha diversas atividades profissionais. Um fato que vem chamando a atenção, segundo Miranda (2006), é que a força de trabalho feminina cresce de forma definitiva e constante, principalmente entre os segmentos mais elevados.

As mulheres empreendedoras precisam buscar formas de integrar os papéis de mãe e trabalhadora em um contexto social e econômico favorável, mesmo quando o trabalho delas não tem necessariamente o papel de garantir a subsistência da família. De qualquer maneira, a mulher contemporânea que não precisa sustentar a sua família, investe em sua formação, o que a deixa apta a ocupar cargos elevados e a contribuir economicamente no lar. Nesse contexto, a inserção no mercado de trabalho requer também que a mulher busque alternativas para os cuidados com os filhos, o que é um desafio nos dias de hoje, onde diversas alternativas se apresentam, mas nem todas se adaptam ao estilo da família.

Tendo em vista o exposto anteriormente, este trabalho procurou focar como a mulher, mãe e trabalhadora, vivencia a retomada profissional após o nascimento do primeiro filho e se as expectativas profissionais anteriores ao nascimento corresponderam ou não a realidade imposta pela nova condição de mulher, profissional e agora mãe.

Diante disso, apresenta-se a seguinte questão de pesquisa: Que sentimentos e expectativas a profissional-mãe acalenta em relação à sua carreira profissional quando retorna ao trabalho, após o nascimento do primeiro filho?

## 2 INTRODUÇÃO

Para Miranda (2006), o papel da mulher na sociedade tem sido essencial, pois cada vez mais ela desempenha diversas atividades profissionais e produtivas fora de casa e, ao mesmo tempo, segue sendo a responsável pelas atividades domésticas e pelo cuidado com os filhos. No entanto, para a mesma autora, o trabalho das mulheres não depende tão somente da disponibilidade de mercado e das suas qualificações para atendê-la, mas decorre também de uma articulação complexa, no sentido de conseguir agilizar as demandas de trabalho e os cuidados dos filhos.

Não há dúvida que a inserção da mulher no mercado de trabalho tem trazido muitas transformações nas relações familiares, o que é destacado por Azevedo e Arrais (2006), ao referirem o descompasso entre o crescimento acelerado de mulheres no mercado de trabalho e o crescimento mais lento da participação masculina nos trabalhos domésticos. Guedes (2010) levanta duas questões importantes que acompanham este intenso processo de inserção laboral da população feminina: as responsabilidades familiares não constituem um empecilho para sua participação no mercado de trabalho e, uma vez no mercado de trabalho, as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelos cuidados com crianças pequenas. A respeito dessa realidade, Delgado (2005) diz que na sociologia há estudos que questionam porque as mulheres necessitariam acumular tantas tarefas, o que não poderia ser explicado apenas pelo viés econômico. Refere o mesmo autor que, além do desgaste vivenciado pela mulher moderna, existiria também um sentimento de onipotência, que deve ser considerado e que Jonathan (2005) identifica como uma característica do universo feminino, reconhecendo esta característica como talentosa.

As mulheres atribuem igual importância à realização profissional e à maternidade, e abandonaram a ideia de que o sucesso em uma dimensão da vida signifique, necessariamente, fracasso em outra. Alcançar o equilíbrio entre família e trabalho seria o objetivo dessas trabalhadoras, que por esta via encontrariam o bem-estar subjetivo (Jonathan, 2005). Miranda (2006) concordando com Jonathan (2005) diz que a atividade produtiva fora de casa tornou-se tão importante para as mulheres, quanto à maternidade, ainda que estejam insatisfeitas com o desequilíbrio entre seu tempo de trabalho e não trabalho. Neto, Tanure & Andrade (2010) reforçam esta ideia dizendo que a mulher executiva segue apostando na carreira.

O que era destino passou a ser opção, para mulher contemporânea, segundo Badinter (1985) referindo-se ao casamento e a maternidade. Para esta autora, a mulher hoje tem mais perspectivas existenciais e sentem-se mais independentes e adultas. Os avanços da medicina, que permite a contracepção e a dissociação entre sexualidade e procriação, de acordo com as autoras, possibilita que um número maior de pessoas façam a opção por não ter filhos.

A inserção da mulher no mercado de trabalho, para Jonathan (2005), é crescente tanto nas micro e pequenas empresas como no setor público. O ingresso no setor público vem aumentando significativamente, ocorrendo via concurso e minimizando a possibilidade de viés frente a sistemas de contratações que privilegiariam um sexo ou outro. Por sua vez, as posições de destaque na hierarquia das grandes corporações só começaram a ser galgadas pelas trabalhadoras na década de 90 e no Brasil apenas 6% dos cargos de chefia nas maiores empresas brasileiras são ocupados atualmente por mulheres. Isto reforça o que Guedes (2010) salienta, ao referir que na população feminina a articulação entre investimento na qualificação e melhores postos de trabalho não é tão direta quanto costumam supor as teorias econômicas. Além disso, existem diferenças salariais entre homens e mulheres que ocupam o mesmo cargo, sendo que os homens contam com remuneração mais alta. Além das questões subjetivas que impediriam a ascensão feminina a cargos hierárquicos mais altos, segundo Neto, Tanure e Andrade (2010), existe um fator objetivo que é a mobilidade da mulher, normalmente mais difícil pela criação dos filhos, o que também pode dificultar o seu avanço hierárquico nas organizações, tendo em vista que muitas vezes as viagens a trabalho se fazem necessárias.

Os obstáculos que as mulheres devem enfrentar no mundo do trabalho são diversos, como apontam Neto, Tanure e Andrade (2010), pois além dos preconceitos arraigados, existe a sobrecarga com os cuidados dos filhos versus as jornadas extensas de trabalho. Miranda (2006) também destaca que os cargos ocupados por mulheres são piores remunerados e possuem menores perspectivas de promoções, não sendo esta discriminação, necessariamente intencional, sendo que tais processos ocorrem inconscientemente, segundo a abordagem psicossociológica da “Teoria das Representações Sociais”, defendida por Moscovici (1988) citado por Miranda (2006). Segundo este autor esta teoria busca explicar como o senso comum tenta dar significado a vida cotidiana, ou seja, à realidade social. O conhecimento construído e compartilhado socialmente e as atitudes que dele decorrem, consistiria o processo de elaboração e

construção do pensamento social – no qual as questões envolvendo exercício profissional e gênero, estão envolvidas.

No que diz respeito às representações sociais da maternidade, para Azevedo e Arrais (2006), estas estão calcadas fortemente no mito da mãe perfeita, sugerindo que a maternidade é inata e inerente ao ciclo evolutivo vital feminino. Portanto, para estes autores, também faria parte desse mito o amor inato pelos filhos gerados e, sendo assim, a mãe seria a pessoa mais qualificada para cuidá-los. Em contraponto com esta ideia do mito do amor materno, a filósofa Badinter (1985), que teoriza sobre esta desconstrução do amor materno como um instinto, universal, relata o mesmo como apenas um sentimento humano, que depende em grande parte de um comportamento social, mutável de acordo com a época e os costumes. A autora remete há uma época da história, séculos XVII e XVIII, onde a indiferença e o desprezo em relação aos filhos eram característicos. Portanto a escolha pela maternidade é um fenômeno moderno e a identidade feminina atual, não está centrada nela.

Em uma perspectiva mais Psicanalítica, Teixeira (1999) diz que a maternidade é uma fonte de realização e vê-la como uma experiência importante na vida é fruto das vivências de identificação com a própria mãe. A triangulação edípica, refere Teixeira (1999), permite que se inscreva o desejo da menina de ser mãe, suprimindo a falta típica da construção da personalidade feminina. Segundo Azevedo e Arrais (2006), desde a infância as mulheres treinam o papel de boa mãe, aquela que é capaz de enormes sacrifícios, entre eles ser amável, tranquila, compreensiva, terna, equilibrada, acolhedora e feminina em tempo integral.

Será que existe uma nova mulher que vive sob o manto das velhas representações? Azevedo e Arrais (2006) defendem a ideia de que esse seria o problema que as mulheres de hoje enfrentam, pois elas não são preparadas, não sabem e não querem cuidar dos seus filhos como suas mães o faziam. Há uma série de outras alternativas disponíveis para se realizarem enquanto mulher, outros interesses, desejos, informações e expectativas. Dentro desse mesmo pensamento, Smeha e Calvano (2009), também dizem que a maternidade está perdendo a sua centralidade e dominância na vida das mulheres. Essa atenuação da obrigatoriedade social permite que a mulher reflita sobre as suas escolhas, não precisando se submeter a papéis pré-estabelecidos, o que estas autoras chamam de obrigação moral, psíquica e imposição social. As autoras comentam que para algumas mulheres a maternidade tem lugar secundário, não se manifestando como uma fonte de investimento. Jonathan (2005) refere que as mães que

trabalham, tem índices mais altos de bem-estar e estão mais satisfeitas do que aquelas que não trabalham. Para o mesmo autor, a combinação de trabalho e maternidade traz satisfação e sentimento de realização.

Esta satisfação e o sentimento de realização, para Azevedo e Arrais (2006), não são os únicos sentimentos vivenciados pela mulher, agora mãe. Há também a vivência de sentimentos contraditórios e inconciliáveis como a imagem idealizada de maternidade ditada pela cultura. Seria dessa forma que se estabeleceria um conflito entre o ideal e o vivido e se instauraria o sofrimento psíquico.

Outra dificuldade que a mulher enfrenta, após ser mãe e desejar retornar ao mercado de trabalho, como apontam Piccinini e Rapoport (2004), é escolher entre um e outro cuidado alternativo para o seu filho. Os mesmos autores destacam que, além dos pais se sentirem inseguros e desconfiados, principalmente quando se trata do primeiro filho ainda bebê, as mães experimentam sentimentos ambivalentes, conscientes e inconscientes, sobre deixar seu filho aos cuidados de outras pessoas. Esta tarefa não é fácil para os pais e envolve considerações sobre vários fatores, como: economia familiar, estrutura social da família e apoio social para o cuidado da criança, bem como as crenças parentais sobre o que seria mais adequado. De qualquer forma, Piccinini e Rapoport (2004) salientam que os pais têm que fazer a sua escolha sobre os cuidados alternativos contando com as opções disponíveis, considerando que hoje a migração de pessoas do interior para as grandes cidades, dentre outros fatores, tem levado a uma diminuição no número de familiares convivendo em proximidade geográfica, quebrando a rede de apoio familiar.

Para Neto, Tanure e Andrade (2010), seria fácil a mulher brasileira, com melhores condições, “terceirizar” algumas funções, contando com a ajuda substancial de empregadas domésticas, babás e outras profissionais que assumem tarefas que antes eram desenvolvidas pela mãe no cuidado com os filhos. Mesmo assim, a orientação quanto a valores e limites, não é facilmente transferida, o que representa uma carga adicional para mulher executiva. Esta “terceirização”, no entanto é parcial, pois a mulher, hoje, sabe dos benefícios da amamentação, tanto no seu aspecto nutricional como psicológico e não quer abrir mão desta experiência. Brito e Oliveira (2006), pesquisaram sobre os conflitos gerados pela lactação na vida conjugal e referem que os níveis elevados de prolactina, necessários na fase do aleitamento, age como inibidores do apetite sexual e pode desencadear o rompimento de um equilíbrio, entre o casal, que

já vinha precário. Emocionalmente, segundo Brito e Oliveira (2006), o leite lembra que esta mulher é mãe, e isto pode ser um inibidor no ato sexual.

Além de todas as preocupações, vivenciadas pelas mães como angústias e culpas, Oliveira e Caldana (2004) afirmam que os pais também se sentem inseguros sobre a maneira de educar os seus filhos da forma mais adequada, mesmo tendo conhecimentos necessários para tal função. Segundo as autoras, teoria e informação são insuficientes e precisam ser significados nas vivências de quem educa. Para as mesmas autoras, esta multiplicidade de papéis não deve impedir que exista um espaço para reflexão sobre a educação dos filhos.

Tendo em vista as considerações anteriores, Coutinho e Losada (2007) concluíram que as mulheres rejeitam ter suas vidas definidas somente em termos de trabalho, do mesmo modo que rejeitam ser definidas apenas por suas funções familiares. Com isso, vê-se que é bastante complexa a articulação entre a carreira profissional e criação dos filhos, sendo este um dos grandes dilemas das mulheres modernas. A partir dessa complexa realidade do universo feminino e das decorrentes demandas familiares e profissionais, buscou-se analisar os sentimentos vivenciados e as perspectivas profissionais de três mulheres que almejam conciliar trabalho e criação dos filhos.



### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

- Identificar os sentimentos e as expectativas da profissional que também é mãe quanto ao retorno ao trabalho após o nascimento do primeiro filho, no que se refere à carreira profissional.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- Verificar como se dá a conciliação das demandas profissionais com o papel da maternidade e se correspondem ou não às expectativas profissionais prévias ao nascimento do filho;

- Identificar que mudanças ocorreram em termos de expectativas profissionais, decorrentes do nascimento do filho;

- Compreender como as mulheres se sentem frente às novas necessidades de organizar a vida profissional, após o nascimento do primeiro filho.

## **4 MÉTODO**

### **4.1 Delineamento**

Foi utilizado delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994) que, segundo Yin (2001), geralmente exige que os casos sejam selecionados adequadamente, consistindo em oportunidades para estudar e obter melhores explicações sobre fenômenos em sua generalidade. Mesmo assim, para Stake (1994), a generalização não deve ser enfatizada, assim como para Robson (1993) o importante é o cruzamento dos casos e o destaque de suas particularidades e semelhanças.

Para Stake (1994), estudar vários casos em conjunto para se compreender um fenômeno em particular possui mais relevância do que o caso em si, que neste caso teria um papel secundário. Por sua vez, analisar em profundidade implica identificar as semelhanças e as redundâncias, bem como a variedade do fenômeno.

### **4.2 Participantes**

Participaram da presente pesquisa três mulheres que trabalhavam antes do nascimento do primeiro filho e retornaram ao trabalho após a licença-maternidade, dando continuidade às suas carreiras profissionais, percebidas por essas próprias mulheres como exitosas. Como critérios de inclusão na amostra, as participantes possuíam relação conjugal estável, tinham idade acima de 37 anos e seus filhos entre dez a 15 meses, escolaridade de nível superior e o sustento familiar não era de sua exclusiva responsabilidade.

O quadro a seguir apresenta síntese de caracterização das participantes da pesquisa, com os respectivos nomes fictícios:

<b>Participantes /variáveis</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Escolaridade/ curso</b>	<b>Atuação profissional/ tempo</b>	<b>Idade do filho(a)</b>	<b>Apoio para os cuidados c/ o filho(a)</b>
<b>Mãe 1 (Jane)</b>	39	Casada	Superior/Direito	17 anos/Func. Pública/Cargo de chefia	10 meses	Creche
<b>Mãe 2 (Lia)</b>	44	Casada	Superior/Relações Públicas	20 anos/Autônoma	11 meses	Empregada
<b>Mãe 3 (Carla)</b>	39	Casada	Superior/ Direito	11 anos/Sócia-Diretora	1 ano 3 meses	Babá

Quadro 1: Caracterização das participantes

### 4.3 Coleta de dados

Para a coleta de dados foram utilizados dados provenientes de uma ficha de dados sociodemográficos e um roteiro de entrevista semiestruturada. As questões desse roteiro foram elaboradas pela autora da pesquisa de acordo com os objetivos proposto para este estudo. A modalidade de entrevista semiestruturada, segundo Yin (2001), deve ser conduzida de forma espontânea, permitindo tanto a indagação do respondente sobre os fatos, quanto às opiniões dele sobre os eventos. No entanto, as perguntas seguem um protocolo e as questões devem ser elaboradas com cuidado, proporcionando uma maior riqueza de informações.

As três participantes foram escolhidas por conveniência, segundo os critérios de inclusão da pesquisa e as entrevistas previamente agendadas por telefone com cada mãe que marcou o local de melhor conveniência. A participante 1, que chamaremos de Jane, era funcionária pública e tinha somente o seu horário de almoço disponível para entrevista, então realizamos em um restaurante de um shopping de Porto Alegre. A entrevista teve duração de uma hora e Jane mostrou-se bem disponível, respondendo a todas as perguntas e acrescentando novos elementos que julgou pertinentes, mas que não eram relevantes para os objetivos desta pesquisa, como por exemplo a participação do pai do seu filho, marido de Jane, neste momento da vida dela. Jane era uma mulher de aparência jovem, estava bem vestida, e falava de forma clara e enfática, demonstrando objetividade.

A participante 2, que chamaremos de Lia, era autônoma e começou a trabalhar em casa após o nascimento do filho, então marcou a entrevista às 13h, horário que o

bebê costuma dormir. Lia, por sua vez, mostrou-se uma pessoa agitada, falava rápido e passava a sensação de que a qualquer momento a entrevista iria acabar. Na casa havia uma empregada que passava pela sala aonde realizávamos a entrevista, o que achei que não nos deixou muito a vontade. Lia estava com uma roupa bem à vontade e tinha uma aparência de cansada. Após vinte minutos de entrevista, o bebê acordou, então percebi que não conseguiríamos prosseguir na entrevista.

A participante 3, que chamaremos de Carla, marcou a entrevista no seu escritório de advocacia, onde é sócia-diretora, às 16h. Quando cheguei, ela disse que teria um compromisso às 16h30, mas que ela achava que este tempo seria suficiente para conversarmos. Senti, neste momento, certa resistência pela delimitação do tempo, que no momento me pareceu curto para atingir os objetivos da pesquisa, mas prossegui. Durante a entrevista, Carla relatou e se emocionou, permitindo que eu sentisse o significado da maternidade para esta mulher, que demonstrou envolver-se em todas as suas atividades. Carla tinha uma aparência bem cuidada e vestia-se de forma impecável.

#### **4.4 Análise dos dados**

Após a coleta de dados, o conteúdo das entrevistas foi examinado por meio da análise de conteúdo qualitativo (Bardin, 1977). Baseado nesta técnica, o conteúdo manifesto das mães foi organizado em categorias temáticas, criadas a partir da literatura revisada. Para cada participante procedeu-se a uma análise horizontal do conteúdo da entrevista que contou com a técnica da leitura flutuante.

A partir das respostas das participantes, organizou-se os conteúdos em cinco categorias de análise: expectativas profissionais após a maternidade, sentimentos quanto ao retorno ao trabalho, conciliação do papel de mãe e trabalhadora, relação do planejado antes da maternidade e o ocorrido depois do nascimento do filho e a opinião das participantes sobre se as mães devem trabalhar fora, mesmo que não exista necessidade econômica.

#### **4.5 Considerações éticas**

Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (GIDEP, 1998b), de acordo com as normas éticas pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS. Além disso, os nomes das participantes foram trocados por nomes fictícios.

## 5 RESULTADOS

A partir das respostas das três participantes, organizou-se os conteúdos de forma temática, para melhor analisar os dados. A seguir encontram-se os resultados obtidos através das entrevistas com as três participantes e organizados de acordo com as cinco categorias temáticas: expectativas profissionais após a maternidade, sentimentos quanto ao retorno ao trabalho, a conciliação do papel de mãe e trabalhadora, a relação do planejado antes da maternidade e o ocorrido depois do nascimento do filho e a opinião sobre se as mães devem trabalhar fora, mesmo que não exista necessidade econômica. Estas categorias foram criadas a partir da literatura e utilizadas para nortear a entrevista semidirigida. Algumas respostas enquadraram-se em mais de uma categoria, pois algumas colocações remetiam ao mesmo tema e, portanto, se sobrepunham. Isto ocorreu devido à subjetividade do tema trabalhado e à intenção de analisar o discurso das participantes em profundidade.

A primeira categoria analisada refere-se às expectativas profissionais após o nascimento do filho. Referente a essa categoria, Jane disse que antes do nascimento do bebê já havia atingido um “patamar profissional” e expressa o momento da realização da entrevista da seguinte maneira: “... *estou um pouco conformada entre aspas, porque eu já entendi que este profissional que eu quero é um plus a mais..., profissionalmente estou bem posicionada*”. Destacou também que pretendia estudar durante a licença-maternidade, pois vinha se preparando para um concurso para ser juíza de direito, que em decorrência da gravidez, teve que desistir na segunda etapa do processo seletivo. Ela complementa dizendo: “... *mas agora eu sei que para retomar as minhas coisas, vai levar um tempinho ainda porque eu quero ter outro bebê na sequência... e aí o meu profissional vai ficar esperando uns cinco anos...*”.

Outra participante, Lia falou que profissionalmente já estava realizada e disse ter atingido o “topo profissional”, referindo que não trabalharia mais se não houvesse necessidade econômica. Mesmo assim, Lia contou que havia planejado fazer um mestrado e disse: “... *tive que suspender (refere-se ao plano de fazer mestrado), mas isto necessariamente não é um problema, porque o que eu queria era ter filho*”.

A expressão, “situação bastante confortável”, foi como Carla, outra participante, definiu o momento profissional, que antecedeu à chegada do bebê. Disse que não pensava em ter filhos, mas que a decisão de engravidar, logo após a sua sócia ter

ganhado bebê, provocaram mudanças no ritmo de trabalho, que diminuiu bastante. No entanto, disse que não tinha expectativas futuras profissionais, e não estava com nenhum planejamento.

Para estas profissionais, agora mães, o retorno ao trabalho após a licença maternidade e os sentimentos provocados por este retorno foram o enfoque da segunda categoria temática analisada. Observou-se através das colocações das mães que houve diferentes sentimentos, e o tempo da licença maternidade para cada uma também foi diferente, de acordo com a atividade profissional. Jane disse que o retorno ao trabalho foi sentido como bom, após seis meses de licença, e destacou que este tempo foi suficiente para ela sentir-se mais segura em deixar o bebê na creche. Ela referiu: *“No meu caso o fato de ir trabalhar após seis meses foi fundamental pra que eu voltasse bem para o meu trabalho, porque com quatro meses, seguramente eu ia estar muito insegura, porque eu comecei a perder cabelo, ah... e ainda estava... acho que eu tive um pico de depressão, uma pseudo-depressão, os hormônios caem a gente fica paralisada, mas aí, com seis meses eu já tinha cumprido a minha missão de amamentar... ficar com ela...”*. Jane relatou que algumas amigas haviam falado de que a volta ao trabalho era muito difícil, mas ela sentiu diferente e disse: *“... não senti pavor nenhum, foi natural e esta segurança contribuiu para adaptação da bebê na creche”*.

Experiência diferente foi relatada por Lia, que não teve um período determinado de licença, que era autônoma e trabalhava em casa. Ela ressaltou: *“... como este meu trabalho é em casa, eu tenho os meus clientes, eu diminuí um pouco... achava que tinha que diminuir... em casa faço muitos contatos para os eventos, mas às vezes tenho que ir aos eventos, geralmente à noite, então o meu marido fica com o bebê”*. Referiu que o volume de trabalho foi aumentando aos pouquinhos, a medida que o bebê foi crescendo. Já para Carla, o retorno ao trabalho foi um alívio, apesar de dizer que a rotina fora de casa é um tanto complexa e complicada, chegando a ligar de quatro a cinco vezes por dia, como Carla falou: *“... porque tô sempre monitorando tudo a distância, mas eu me sinto segura, porque sei que ele tá bem cuidado, então pra mim de certa forma foi tranquilo”*. Ela contou que se sentiu muito bem com o retorno ao trabalho, e que montou uma estrutura chamada por Carla de segura. Outra colocação de Carla que complementava a anterior foi: *“... eu estava acostumada a trabalhar e eu já não aguentava mais ficar em casa, isto já tava me sufocando”*.

Para conseguir conciliar estes dois papéis, de mãe e trabalhadora, as participantes foram questionadas sobre como se organizaram para conseguir integrar

estes dois papéis nas suas rotinas. Jane disse que montou rotinas e estratégias e relatou que quando saía para trabalhar deixava a bebê na creche, ainda de manhã. Ela não almoçava em casa, mas contratou uma empregada para limpeza e roupas. Como estratégia, Jane disse que quando estava no trabalho ficava focada nele e aproveitava ao máximo o tempo, pois não podia desperdiçá-lo. Estas são as suas palavras: *“Tô trabalhando... tô trabalhando... não fico pensando como é que o bebê está, eventualmente quando está doente fico em conexão”*. Esta estratégia, segundo Jane, já era utilizada antes de ser mãe, mas foi reforçada com a maternidade, como ela enfatizou: *“... a gente tem que tá a cada segundo vivendo ali, fazendo, tá fazendo, se não a casa cai. Tanto que quando volto pra casa, ai eu tô com o nenê”*.

O trabalho em casa propiciou para Lia maior flexibilidade de horários e nos relatou o que foi possível fazer durante a semana, conciliando a função de mãe com o trabalho: *“Ontem eu fui na pracinha com ele de tarde, ah que coisa boa poder curtir, eu curto esta função de ser mãe, esta função com ele, às vezes é complicado tu ter que trabalhar e atender a casa, atender clientes, ter os eventos e ter que deixar o bebê”*. Lia referiu ter ficado surpresa com a ajuda do marido para que ela conseguisse trabalhar e falou como foi bom contar com ele: *“... foi algo bastante bom que eu achava que não seria assim”*.

A participante Carla relatou as dificuldades que ela encontrou em conciliar os dois papéis e foram essas as suas palavras: *“... como mulher a minha vida mudou completamente, eu não sei, eu tô sempre olhando no relógio, tô sempre contando o tempo, sempre correndo, é complicado, é bem complicado, minha vida não é mais a mesma mudou muito, muito, muito, eu gostaria de ter o meu filho, com um pouco da vida que eu tinha antes...”*. Carla também destacou que tinha a preocupação de não levar os problemas do trabalho para casa, porque não queria passar para o filho o que chamou de “carga negativa”. Disse que às vezes se incomodava durante o dia e ficava “rebolando”, como ela descreveu, para ver o que poderia fazer para chegar em casa, sem transmitir isto. Ela relatou: *“... então eu me preocupo até com a questão energética, se eu tô muito, muito mal e às vezes isto acontece, dos dias serem exaustivos, ou exigirem demais da gente... eu hoje nem me permito, me expor tanto... já não me submeto a uma série de coisas”*.

Nessa pesquisa um dos objetivos era verificar se o que estas profissionais haviam planejado antes de ter filho, ocorreu posteriormente. As respostas, no entanto, foram bem amplas, referindo e confrontando as ideias anteriores e posteriores em



relação à maternidade em geral. O planejado e o ocorrido após o nascimento do filho consiste na quarta categoria temática analisada.

Jane disse que por ter tido filho tarde, ela já estava com certa tranquilidade: “... *mas mesmo assim, filho é uma experiência que só vivendo, né?*” Ela falou que tinha algumas ideias antes que depois não foram possíveis de acontecer: “... *a realidade se impõe ai a gente vai se adaptando ao que se apresenta*”. Ela relatou que tinha uma fantasia de que amamentando iria emagrecer rápido, que ia poder dormir, que ia ter uma folguinha do bebê, deixando a criança com os familiares. Estes planos não ocorreram, em decorrência aos problemas que teve com os familiares com o nascimento da filha, e disse que neste momento de fragilidade, existiu muita invasão e foi “*todo mundo dando opinião*”, o que gerou estresse dentro da sua casa. Relatou-nos que o lidar com o bebê foi mais fácil do que achava antes, no entanto amamentar foi a tarefa mais difícil.

Para Lia foi diferente, ela disse que havia planejado diminuir bem mais o trabalho, mas que o marido teve problemas no trabalho e ela precisou assumir a casa economicamente, o que não estava nos seus planos. Relatou que o mais difícil foi lidar com as mudanças do seu corpo, mas com o bebê, exceto a primeira semana, foi tudo tranquilo. Com Carla, o que foi diferente entre o planejado e o ocorrido, foi a amamentação que ela achou muito difícil, e nos relatou: “*Eu não tinha leite, eu tomava cinco litros de água por dia para ter leite, tinha uma alimentação saudável, eu me cuidei de tudo que foi forma, porque queria ter parto normal, não pude ter, queria amamentar, não consegui amamentar, com um mês de vida (o bebê) não ganhava peso e ai a gente descobriu que ele tinha alergia alimentar... junto com isto teve muita cólica, então berrava o dia inteiro, então os três primeiros meses foram uma grande tortura*”.

As participantes da pesquisa foram questionadas sobre as mães trabalharem fora, mesmo que não existisse necessidade econômica. Neste tema, encontramos as seguintes opiniões: Jane foi enfática e disse: “*Com certeza, ou trabalhar fora ou ter uma atividade. Este é o maior legado que uma mãe pode deixar para um filho. Se ela se realizar, mostrar valor, mostrar energia, então é isto que o filho irá aprender, né?*” Lia destacou: “*Eu acho que não tem que trabalhar, se eu não tivesse necessidade econômica eu não trabalharia*”. Carla ponderou: “*Eu acho que as mulheres... as mães precisam fazer aquilo que elas entendem que é necessário para se sentirem satisfeitas... eu não acho que alguém tenha que fazer alguma coisa, em resposta aquilo que os outros esperam, entende, eu acho que se a mãe se sente bem estando em casa,*

*administrando a casa, porque é uma coisa muito difícil fazer... é uma engrenagem, então eu acho, que se a mulher, mãe, está suprimindo as suas necessidades, ali, porque é exaustivo eu, por exemplo, não tenho habilidade”* (referindo-se ao trabalho doméstico).

## 6 DISCUSSÃO

A partir da literatura pesquisada, verificou-se que diversos autores referem o papel da mulher na sociedade contemporânea e como este papel mudou no decorrer da História. A mulher que hoje é profissional e mãe, precisa articular e agilizar as demandas de trabalho e de cuidados com os filhos (Miranda, 2006), o que foi possível identificar nas três participantes da pesquisa.

A primeira participante, Jane, era funcionária pública, bem-sucedida profissionalmente e com estabilidade. Pôde usufruir da licença-maternidade com tempo definido de seis meses, como preconizava a lei vigente. Jane expressou o quanto esse período de licença foi benéfico e disse: “... *a gente retornando com seis meses, a gente tem mais segurança...*”. Para esta participante o retorno ao trabalho trouxe uma sensação de dever cumprido, o que se identificou quando ela disse: “... *com seis meses eu já tinha cumprido a minha missão de amamentar... ficar com ela*”.

O retorno foi uma experiência prazerosa e conciliar o papel de mãe e trabalhadora exigiu rotina e estratégia. Guedes (2010) destaca que as responsabilidades familiares não são mais empecilho para participação da mulher no mercado de trabalho, mas não se pode negar o desgaste da mulher moderna, decorrente do que foi chamado por Delgado (2005) de “sentimento de onipotência”, onde a mulher além de trabalhar fora continua sendo a principal responsável pelos cuidados das crianças pequenas. Jane relatou a sua rotina, sem integrar no seu discurso as funções do pai, no seu esquema prático diário. Este foi citado como um apoiador: “... *é importante tu ter um companheiro que seja maduro para o momento, que não vire um gurizão que ah... ‘tu me abandonou’... e coisas do gênero. Eu contei com este companheiro, graças a Deus!*”. Pode ser que este pai participe ativamente, mas como Guedes (2010) disse, ainda espera-se que as mulheres sejam as principais responsáveis pelos cuidados dos filhos pequenos.

Este “sentimento de onipotência”, referido por Delgado (2005), foi percebido nas três participantes, onde se observou nos discursos o esforço em alcançarem o equilíbrio entre família e trabalho, o que segundo Jonatha (2005), seria o objetivo das mulheres que dão igual importância para a família como para o trabalho. A vida profissional parecia ter bastante relevância antes da chegada dos filhos e as participantes relataram que tiveram filho quando estavam em um momento profissional favorável em

termos de realização, o que talvez permitisse que estas mulheres ficassem mais envolvidas com a maternidade. Assim são as expressões usadas para definir o momento em que os bebês chegaram: Jane disse: *“Já havia atingido um patamar profissional”*. Lia: *“... eu já tinha o meu sucesso..., profissionalmente eu já estava realizada”*. Carla: *“... de certa forma eu estava numa situação bastante confortável...”*

As participantes da pesquisa tornaram-se mães aos 38 anos (Jane e Carla) e 44 anos (Lia) e puderam investir na vida profissional antes de serem mães. Segundo os relatos das três participantes, elas achavam que não seriam mais mães e engravidar foi uma surpresa, como o relato de Jane a seguir: *“Eu até tinha a ilusão de que poderia ter estudado na licença, eu vinha de um pique de estudos intenso, me preparando para concurso para juiz e aí eu me pego grávida na segunda prova e tive que parar.”* Com Lia foi diferente, mas o fator surpresa também ocorreu, como mostrou o seu discurso: *“... foi tão planejado, eu quis tanto engravidar, já tinha feito tratamento, não tinha dado certo, daí quando eu desisti de tudo, quando eu vi eu tava grávida, com 44 anos...”*. Para Carla também teve o fator surpresa, mas não com a gravidez e sim com a mudança no seu desejo de ser mãe, como sugere o trecho a seguir: *“... quando eu decidi ter, eu não tinha planejamento nenhum de ter filho, eu imaginava que eu não fosse ter filho... eu não tinha este objetivo... antes eu nunca quis.”*

Os relatos das participantes concordaram com o que Badinter (1985) refere sobre a maternidade, dizendo que hoje em dia esta é uma opção e não um destino e que a identidade feminina atual não está centrada na maternidade. No entanto, a maternidade trouxe para estas mulheres mudanças nas expectativas profissionais, mesmo que as participantes tenham referido que já se sentiam satisfeitas. Identificou-se as mudanças de planos profissionais em Jane, que estava fazendo um processo seletivo para juíza de direito e que diante da gravidez teve que desistir, em Lia, que teve que suspender o mestrado e, em Carla que diminuiu o ritmo de trabalho.

As mudanças de expectativas profissionais ou a necessidade de retardar os planos trazem sentimentos contraditórios vivenciados pela mulher, agora mãe, segundo Azevedo e Arrais (2006), porque elas não são preparadas, não sabem e não querem cuidar dos filhos como suas mães faziam, e esta tarefa pode ser árdua, como demonstrou o relato de Carla: *“... os três primeiros meses foram uma grande tortura...”*. Concordando com Azevedo e Arrais (2006), esta mesma participante disse: *“... Acho que não é a minha característica não trabalhar fora, eu não me acho uma boa dona de casa.”* Então o retorno ao trabalho foi visto como satisfatório para Jane e Carla, que

ratificam o que disse Jonathan (2005), quando esse autor refere que as mulheres trabalhadoras têm índices mais altos de bem-estar e estão mais satisfeitas do que aquelas que não trabalham. Carla ainda complementou, reforçando esta ideia: *“Eu não me imagino (ficar em casa), porque eu acho que é um universo que por mais complexo que ele seja, ele é muito limitado, ele é muito limitado...claro eu sou acostumada com o trabalho desde sempre...”*. Porém, para a participante Lia, o melhor seria ficar somente com o filho e não ter a “carga” de trabalhar em casa e sustentar a família, segundo sugeriu o seu relato: *“... se eu não tivesse necessidade econômica, eu não trabalharia...”* No entanto justificou este sentimento por ter chegado aonde queria profissionalmente e também pelo desejo de aproveitar a maternidade, já que o filho chegou depois de muito esperar.

Para a Psicanálise, a maternidade é uma fonte de realização e Teixeira (1999) vê esta importante experiência como fruto das vivências de identificação com a própria mãe. A participante Jane contou que ser mãe é uma experiência que “só vivendo”, e que talvez seja difícil colocar em palavras sentimentos tão intensos. A mesma participante falou de “momento de fragilidade” e o “sentimento de invasão”, referindo-se à interferência de outros familiares, pois talvez Jane quisesse vivenciar mais intimamente este momento tão especial. Lia explicou que ter filho era um sonho, o que demonstrou o quanto desejava esta experiência e a participante Carla enfrentou diversas situações com o bebê que nunca imaginou que pudessem ocorrer, desde uma gravidez difícil e outros “vários complicadores” como: não conseguir amamentar, descobrir que o filho tinha alergia alimentar, as cólicas e os choros. Ela se emocionou quando disse que o filho era um “presente.”

Os sentimentos contraditórios entre o ideal e o vivido, segundo Azevedo e Arrais (2006), seria uma forma de instaurar-se o sofrimento psíquico na mulher, considerando-se que elas são fruto da imagem idealizada de mãe, ditada pela cultura. No discurso das participantes, o planejado e idealizado antes do nascimento do filho não ocorreram na realidade após o nascimento e houve mudanças, por diversos motivos. Diante da nova realidade, estas mulheres tiveram que se adaptar ao novo. Ideias como emagrecimento rápido, o poder estudar e dormir durante a licença-maternidade foram alguns exemplos destacados por Jane como ideias anteriores à maternidade e que não ocorreram na realidade. A participante Lia contou que o marido decaiu em termos profissionais, após o nascimento do filho, e ela não tinha planejado ter a responsabilidade de sustento da casa nesse período. Ela referiu que teve que realmente assumir a casa em termos

econômicos e pode-se inferir que o sentimento de Lia era de tristeza, pois havia planejado se dedicar exclusivamente ao filho tão desejado, como ela mesma disse. Já para Carla a discrepância entre o planejado e o ocorrido parece ter sido mais abrangente, ela não esperava tantas dificuldades como as vivenciadas na amamentação, nas cólicas e choros. Em termos profissionais, Carla disse que pretendia ter um ritmo mais lento, para poder se dedicar mais ao filho e destacou que se fosse necessário abriria mão de determinadas possibilidades profissionais pelo filho.

A partir dos relatos pode-se inferir que essas mulheres não pensaram em um esquema mais eficaz de ajuda com o bebê e isso é salientado por Piccinini e Rapoport (2004) que referem que tal situação é fruto de sentimentos ambivalentes que as mães experimentam, conscientes e inconscientes, sobre deixar seu filho aos cuidados de outras pessoas. Os sentimentos de insegurança e desconfiança apareceram nos relatos das participantes que dizem que só conseguiram retornar ao trabalho porque tinham certeza que os filhos estavam bem cuidados. A participante Lia foi a que demonstrou ter menos estrutura de ajuda, provavelmente porque trabalhava em casa e pela sua situação econômica. A escolha entre creche, babá ou parentes, ocorre conforme a economia familiar, a estrutura social da família, bem como as crenças parentais (Piccinini e Rapoport (2004). Sobre isto os autores Andrade, Neto & Tanure (2010), afirmam que é fácil a mulher brasileira “terceirizar” algumas funções doméstica, mas a orientação quanto a valores e limites, não é fácil de ser transferida, o que seria uma carga adicional para mãe trabalhadora, que realmente precisa delegar algumas funções relativas aos filhos.

As participantes optaram por diferentes formas de serem ajudadas enquanto trabalhavam e justificaram suas escolhas, como disse Jane: “... *na minha ótica, em pleno século XXI, como eu vou deixar uma criança com uma mulher, uma pessoa que não sabe atender pedagogicamente... elas (as crianças) exigem muito, então eu vejo que a S. tem uma evolução enorme e ela tem as atividades dela, tem amiguinhos, tem rotina... ela sabe que o mundo não é só dela, enfim uma série de coisas e ai quanto mais cedo pegar as viroses melhor... ia acontecer, imuniza*”. A participante Carla referiu que só voltou bem para o trabalho, porque conseguiu montar uma estrutura avaliada como segura para o filho. Contou também que teve dúvidas quanto à melhor maneira de deixar o filho, em um berçário ou com uma babá: “... *eu achei (retorno ao trabalho) que seria mais complicado, eu tinha medo, porque eu não sabia se ia ter alguém para cuidar em casa ou colocar num berçário, eu tinha muitas dúvidas, mas*

*com o passar do tempo as coisas foram se acalmando, foi menos traumático do que eu imaginava.”*

Quanto à opinião se as mães devem trabalhar fora, mesmo que não exista necessidade econômica, as participantes Jane e Carla concordaram que a mulher deve trabalhar ou se ocupar de atividades que tragam prazer. Pode-se inferir que estas mães sentem prazer no seu trabalho, fazendo esta associação nas respostas, como foi mencionado por Coutinho e Losada (2007) que disseram que as mulheres rejeitam ter suas vidas definidas somente em termos de trabalho, do mesmo modo que também rejeitam ser definidas apenas por suas funções familiares. A participante Carla disse: “Acho que minha vida seria muito pobre se eu não tivesse o meu filho... muito pobre.” Jane referiu: *“Este (trabalhar fora) é o maior legado que uma mãe pode deixar para um filho”*. Lia já acha que o trabalho fora deve ocorrer somente por necessidade econômica, e relatou de como é bom acompanhar o filho na pracinha, o que não seria possível para mulher que tem um ritmo de trabalho intenso, pelo menos com a frequência que ela desejaria.

A ascensão feminina aos cargos hierárquicos maiores, torna-se mais difícil, segundo, Neto, Tanure & Andrade (2010) pela dificuldade de “mobilidade da mulher”, referindo-se aos cargos que exigem viagens constantes, normalmente mais difícil para mulher pela criação dos filhos. Carla falou sobre estas mudanças, entre como pensava o trabalho antes do nascimento do filho e como pensou posteriormente: *“Não tinha ruim pra mim... não tinha difícil, eu estava sempre disponível pra tudo, em todos os momentos, se eu precisava viajar arrumava as malas e não sabia quando iria voltar, não ter hora... engolir sapo, se submeter a uma série de coisas... (hoje) eu pretendo me dedicar muito mais a ele, e se for o caso, abrir mão de determinadas coisas pra isto”*.

Finalizando, pode-se verificar que a experiência da maternidade tem forte impacto na vida da profissional, mãe, que busca se reorganizar para manter-se ativa no mercado. Jonathan (2005) nos fala de um caminho de equilíbrio entre as duas atividades, mas observou-se nas participantes da pesquisa que toda a estrutura e organização que uma família com bebê exige era algo complexo de ser montado, pois fatores conscientes e inconscientes interferem em todas as decisões.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa foi identificar os sentimentos e as expectativas profissionais de três mulheres que consideravam as suas carreiras exitosas. Estas mulheres diziam-se satisfeitas com a caminhada profissional que haviam trilhado até o nascimento do primeiro filho e, com este novo advento, tiveram que se reorganizar e inclusive retardar ou desistir de algumas metas já planejadas.

O conciliar as demandas profissionais com o papel da maternidade, com toda a imprevisibilidade que um filho provoca, representou um aprendizado de vida significativo, o que foi expresso pelas participantes. Para estas mulheres ser mãe foi uma opção e não uma condição imposta, pois já haviam conquistado suas metas profissionais e ter um filho era um desejo que poderia não se realizar em decorrência da idade mais avançada destas mulheres. Porém diante desta possibilidade não limitaram suas vidas a apenas uma função, isto é, seguiram trabalhando, mesmo que isto significasse uma carga a mais.

Os sentimentos contraditórios e ambivalentes apareceram nos discursos e a nova experiência que a maternidade propiciou trouxe mudanças que não estavam programadas. Mesmo que a mulher desejasse ser mãe, é comum ela sentir falta da vida anterior, como foi expresso explicitamente ou implicitamente pelas participantes.

A intensidade dos sentimentos gerados pela maternidade foi percebida em duas participantes entrevistadas, Jane e Carla, porém elas expressaram estes sentimentos de diferentes maneiras. A participante Jane sugeria objetividade nas suas colocações, demonstrava que as “estratégias”, como ela dizia estavam montadas, como se não houvesse dúvidas. Este discurso mais distanciado pode ser entendido como uma maneira de conseguir suportar a distância da filha, que ficava o dia todo na creche enquanto ela trabalhava e dava conta de todas as demandas exigidas em seu trabalho. Já Carla sugeria admitir as contradições entre os diferentes sentimentos despertados com a chegada do filho e demonstrava sofrimento com estas mudanças, emocionando-se durante o seu relato.

A história da participante Lia, difere das demais, pois relatou o quanto desejava engravidar e que quando já não tinha mais esperanças engravidou. Diante disto, pareceu que ficou mais difícil para Lia organizar uma estrutura que possibilitasse separar um pouco a vida profissional da maternidade. O trabalhar em casa, no ambiente do bebê, ao



mesmo tempo em que possibilita um acompanhamento constante da mãe, também trás a sensação de que ela não faz nem uma coisa, nem outra. Lia pode ter demonstrado este seu momento quando marcou a entrevista em casa e não conseguimos concluí-la.

Sabe-se que o número de casos pesquisado foi reduzido, o que comprometeria qualquer tentativa de generalização, no entanto, cabe ressaltar que as três participantes parecem satisfeitas com a maternidade e a possibilidade de conciliar o trabalho. Apesar de uma participante dizer que não gostaria de trabalhar se não houvesse necessidade econômica, ela mesma reconhece que isto ocorre, pois já estava com o lado profissional bem satisfeito.

Acredita-se que muitos estudos ainda serão desenvolvidos para entender a mulher contemporânea com as suas múltiplas funções, bem como o papel do homem, diante desta nova mulher que se torna mãe e profissional. A função paterna também vem se reconstruindo diante destes novos paradigmas e mesmo não sendo objetivo desta pesquisa investigar o pai, as três entrevistadas em algum momento referiram a importância dos seus parceiros nesta nova caminhada.

## REFERÊNCIAS

- Azevedo, K.R. & Arrais, A.R. (2006). O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. Brasília. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 9 (2).
- Badinter, E. (1985). Um amor conquistado: O mito do amor materno. Rio de Janeiro. RJ: Nova Fronteira.
- Bardin, L. (1977). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.
- Brito, R.S. & Oliveira, E.M.F. (2006). Aleitamento Materno: mudanças ocorridas na vida conjugal do pai. Rev. Gaúcha de Enfermagem. Porto Alegre, v. 27(2).
- Coutinho, M.L. & Losada, B.L. (2007). Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso de pequenas empresárias. Maringá: Psicologia em Estudo, v. 12 (3).
- Delgado, A.C. (2005). Significados do trabalho de tomar conta de crianças. Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Educação.
- Guedes, M.C. (2010). A inserção dos trabalhadores mais escolarizados no mercado de trabalho brasileiro. Uma análise de gênero. São Paulo: Trabalho, Educação e Saúde, v. 8 (1).
- Jonathan, E.G. (2005). Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. Maringá. Psicologia em Estudo, v. 10 (3):373-382.
- Miranda, L.C. (2006). A percepção da mulher no mercado de trabalho: emprego, carreira ou vocação. Rio de Janeiro: Faculdades IBMEC.
- Neto, A.M.C; Tanure, B. & Andrade, J. (2010). Executivas: carreira, maternidade, amores e preconceitos. RAE-eletrônica, v. 9 (1). Art 3. jan./jun.
- Oliveira, T.T.S. & Caldana, R.H.L. (2004). Mães psicólogas ou psicólogas mães: vicissitudes na educação dos filhos. Natal. Estudos de Psicologia, v. 9 (3).
- Piccinini, C.A. & Rapoport, A. (2004). A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. Natal: Estudos de psicologia, v. 9 (3):497-503.

Robson, C. (1993). *Real world research*, Oxford: Blakwell.

Rocha-Coutinho, M.L. (2004). *Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil*. Temas em Psicologia da SBP.

Smeha, L.N. & Calvano, L. (2009). *O que completa uma mulher? Um estudo sobre a relação entre não-maternidade e vida profissional*. Curitiba. Psicol. Argum.

Stake, R.E. (1994). *Handbook of Qualitative Research*. Londres. Sage.

Teixeira, E.T.N. (1999). *Adiamento da maternidade: do sonho a maternagem*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública.

Yin, R.K. (2001). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Booman.

## ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa que tem por objetivo identificar os sentimentos e as expectativas das mulheres em relação ao retorno ao trabalho após a licença maternidade, no que se refere à carreira profissional, após o nascimento do primeiro filho. Ao participar, você realizará uma entrevista, que será gravada para posterior análise. Os resultados desse estudo servirão para aumentar os conhecimentos sobre a conciliação entre maternidade e vida profissional e para beneficiar as mulheres que vivam essa experiência.

Desta forma, eu \_\_\_\_\_, declaro que fui informada, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente estudo. Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; terei total liberdade para retirar meu consentimento e, a qualquer momento, deixar de participar do estudo sem qualquer ônus ou prejuízo. Entendo que não serei identificada e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade. Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente desta pesquisa a utilização das informações declaradas na entrevista.

A pesquisadora responsável por esse projeto é Alana Porto Alegre, juntamente com a Doutoranda Silvana Oliveira e os Professores Drs. Clarissa Trentini e Jorge Sarriera, ambos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua equipe estará à disposição para maiores esclarecimentos através do telefone 3308-5475. Cabe ressaltar que este Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da UFRGS (contato: 3308-5298, cep-psico@ufrgs.br) em junho de 2010.

Data:...../...../..... .

Nome e assinatura da participante: .....

.....

## ANEXO B: FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

**Dados pessoais**

- Iniciais:
- Data de nascimento:
- Telefone:
- E-mail:
- Estado civil:
- Escolaridade (especificar área):
- Profissão:
- Renda familiar/nº de salários mínimos:
- Pessoas que residem na casa (nº e grau de parentesco):

**Dados profissionais**

- Profissão: \_\_\_\_\_ Cargo: \_\_\_\_\_
- Desde quando exerce função profissional remunerada (mês/ano)?  
Em qual função / cargo?
- Há quanto tempo na empresa atual (mês/ano)?
- Primeiro cargo na empresa atual (até: mês/ano): ...../..... .
- Cargo atual (início no cargo atual: mês/ano): ...../..... .
- Tempo na função atual:
- Carga horária semanal:
- Há quanto tempo você retornou da licença-maternidade?
- Tempo de licença-maternidade?

**Dados do companheiro atual:**

( ) Não possui companheiro atual

Se possui companheiro atual

- Tempo de relação:
- Tempo de coabitação:
- Escolaridade (especificar área):
- Profissão:
- Cargo atual: \_\_\_\_\_ Desde: (mês/ano)
- Possui outros filhos? ( ) Não ( ) Sim. Número de filhos e idades:

**Dados do pai da criança:**

( ) É o companheiro atual

- Tempo de relação:

- Escolaridade (especificar área):

- Profissão:

- Cargo atual:                      Desde: (mês/ano)

- Possui outros filhos? ( ) Não ( ) Sim. Número de filhos e idades:

**Dados do(a) filho(a) :**

- Data de nascimento:

- Vai à creche/escola: ( ) Sim ( ) Não

- Se vai à creche/escola, qual o horário?                      Desde quando?

- Se não vai à creche/escola com quem e onde fica?

## ANEXO C: ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1) O que é mais difícil na maternidade?
- 2) Como tu te sentiste ao retornar ao trabalho, após a licença maternidade?
- 3) O que foi mais fácil e o que foi mais difícil neste retorno?
- 4) O que tu havias planejado, antes de retornar ao trabalho, ocorreu na realidade? Ou foram necessárias adaptações, mudanças, etc.?
- 5) Antes do nascimento do teu filho, quais eram as tuas expectativas profissionais?
- 6) Agora que tens que conciliar o papel de mãe com o de profissional, estas expectativas mudaram?
- 7) Se as expectativas mudaram, como tu te sentes tendo que lidar com estas mudanças que se fazem necessárias?
- 8) Tu achavas antes de ter filho que ele iria provocar mudanças nas tuas expectativas profissionais?
- 9) Tu achas que as mães têm que trabalhar, mesmo que não exista necessidade econômica? Por quê?
- 10) Quais são as tuas metas profissionais futuras?
- 11) O que é necessário para conseguires estas metas?
- 12) Como tu te sentes, diante da necessidade de re-organizar a tua vida profissional, após o nascimento do primeiro filho.

ANEXO D: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PARTICIPANTE 1: JANE,  
REALIZADA NO DIA 23/08/2010

1) O que foi mais difícil na maternidade?

No meu caso foi lidar com a minha família, a primeira neta dos dois lados, foi uma invasão, assim... bem complicado, mais da minha família do que da dele. É um momento que a gente está fragilizada, todo mundo dando opinião, todo mundo enchendo o saco, então achei isto aí o mais difícil, lidar com os outros. Isto aí gera um stress dentro de casa porque interfere diretamente.

2) Como tu te sentiste ao retornar ao trabalho, após a licença-maternidade?

Foi bom, em um aspecto geral foi bom. Como eu fiquei 6 meses, eu já me senti segura, inclusive em deixar a nenê na creche, foi minha opção, gostei assim... eu estava querendo voltar era algo que... era como se fosse um ciclo natural, né, agora eu vou voltar, daí eu levei uma semana pra me... sabe... retomar aquele ritmo, mas foi... eu achei até um período curto, né, relativamente curto, porque depois eu entrei no meu ritmo de atividades bastante, múltiplas tarefas, consegui dá vazão a toda a demanda, né.

3) Ela fica o dia todo na creche?

Fica, fica no período em que estou trabalhando, então quando venho pra cá, eu já largar ela na creche, e quando eu volto eu pego ela, agora, a partir de amanhã eu vou retomar a atividade física, vou fazer uma academia, então eu vou sair, vou para academia rapidinho, então vou pegá-la depois, até ela ter um aninho, depois que ela tiver um aninho, então já dá pra eu levar ela pra academia, tem um lugar pra deixar criança e tal, vai ser bem prático. A ideia é estar com ela quando eu não estou trabalhando.

4) O que tu havias planejado antes, correspondeu ao que ocorreu ou não?

Olha... eu sou mãe velha, né? Tive ela com 38 anos e eu acho que é uma idade ótima para ter filho, a gente já tem... uma... tu já atingiu o teu patamar profissional, tu já está com certa tranquilidade, né... mas mesmo assim, filho é uma experiência que só vivendo, né? Então, claro que a gente tem uma pretensão, “olha depois que tiver nenê, vou fazer isto”, só que a realidade se impõe e aí a gente vai se adaptando ao que se apresenta, né. No meu caso o fato de ir trabalhar após seis meses foi fundamental pra que eu voltasse bem para o meu trabalho, pra poder... porque com quatro meses, seguramente eu ia estar muito insegura, porque eu comecei a perder cabelo, ah... e ainda



estava, acho que eu tive de novo um pico de depressão, uma pseudo-depressão, os hormônios caem e a gente fica, assim meia paralisada, mas ai, com seis meses eu já tinha cumprido a minha missão de amamentar... ficar com ela, amamentei até ela ter cinco meses e meio, depois entrei com a comidinha, ai amamentei mais até o sétimo, daí ela não quis mais.

5) As coisas que tu tinhas pensado antes, não ocorreram exatamente assim...

Eu tinha muita fantasia assim de que “ah vou tá amamentando então vou emagrecer mais rápido, mas não, nos três meses eu ainda estava meia inchada, achei que eu ia ter uma folga do nenê, que eu ia poder dormir, ia poder fazer alguma coisa, mas na verdade não, tem que estar o tempo todo e ai com todo este caos familiar eu me afastei e ai eu fiquei sem este apoio de deixar a bebê aqui, ali, pra cuidar, tinha dificuldade para sair mas foi uma opção minha. A minha família é do interior, e além de ser do interior, são gente mais da colônia, eu tive que descer o pau e ai isto ai também me dificultou pra eu retomar as minhas coisas, né?

6) Era o jeito deles ou o teu momento?

Também... também, conciliar marido e bebê, muita coisa junto, muita pressão emocional.

7) E como é a questão profissional, tu ainda vislumbra outras coisas, como é conciliar maternidade com carreira?

Eu até tinha a ilusão de que poderia ter estudado na licença, eu vinha de um pique de estudos intenso, me preparando para concurso pra juiz e ai eu me pego grávida na segunda prova e ai tive que parar, ou era uma coisa ou outra porque eu ia enlouquecer, então a nenê veio e foi bom, mas agora eu sei que pra retomar as minhas coisas, vai levar um bom tempinho ainda porque eu quero ter outro nenê agora na seqüência, já quero aproveitar agora que ela fizer um ano, engravidar de novo e ai o meu profissional vai ficar , esperando por uns cinco anos mais ou menos que é o que eu estimo, esperar nenê tirar as fraldas... caminhar...

Olha eu estou um pouco conformada entre aspas, porque eu já entendi que é uma coisa que este profissional que eu quero é um plus a mais, vamos dizer assim, eu já tenho um cargo que hierarquicamente é o mais alto dentro dos servidores, então eu do profissionalmente muito bem posicionada, né? Sair dali seria para um cargo maior...

claro que exigiria não só um pique de estudo bem grande, mas também fazer uma mudança geral, dependendo do lugar, de morar, enfim, algo que no momento eu não to achando interessante, porque quando a gente consegue botar uma rotina nas coisas da criança, com a parte que é o mínimo que a gente consegue fazer pra nós, né? Bah! Graças a Deus está tudo encaminhado, daí mexer nisto de novo... pra talvez..., então é algo que eu não vou fazer agora, esperar um pouco pelo menos até a segunda gravidez, pra depois é que eu vou resolver. É não é algo assim que eu desisti, há uma possibilidade, mas é algo que eu sei que eu vou ter que jogar bastante energia, tempo, dedicação, tenho que além trabalhar, ser mãe, atender todo o outro lado e mais achar um tempo dentro das minhas atividades pra... e aí que a porca torce o rabo.

8) E este segundo filho?

Não sei é algo mais instintivo até, eu acho, também não to muito preocupada, assim vou tentar engravidar dentro de um período entre ela ter um ano e dois. Se eu não engravidar neste período, ficou por aí, entendeu... sei que se vier ok, é por isto que eu mais ou menos estimo cinco anos, mas é variável, até ela tirar as fraldas, um pouquinho mais de autonomia, daí eu vou parar pra pensar um pouco mais em mim, é claro, mas também no lado profissional. Às vezes tenho desejo de dar uma virada geral, sabe, sair da área, fazer uma coisa diferente, mas algo assim para pensar...

9) Tu trabalhas oito horas por dia , não almoça em casa... imagino...

Não almoço em casa e daí o que eu faço, a minha estratégia como profissional é focar naquilo que eu to fazendo eu não posso desperdiçar, tô trabalhando, to trabalhando. Não fico pensando como é que a bebê está, eventualmente quando ela está doente, eu fico em conexão.

10) E quando ela adoecer?

Ai eu tenho que ficar com ela, ou eu ou o pai dela. Eu tenho uma baby-sitter que me ajuda também, mas nem sempre ela está disponível porque estuda, então aconteceu há um tempo atrás, que ela adoeceu numa sexta-feira e a moça estava na faculdade então eu tive que ficar, então eu liguei pra dizer que não viria trabalhar, enfim, mas isto é assim uma exceção, quando eu posso eu conto com ela, geralmente a S. tem tido aquelas viroses passageiras, ela não é alérgica, graças a Deus! Tive sorte, ela é bem fortinha, uma boa creche, se adaptou, tá ótima, adora e eu observo que às vezes quando ela fica doente que ela tem alguma coisa é no final de semana, e daí a gente tá com ela.

A creche é muito boa também agente tem todo o respaldo, sabe que a gente tá trabalhando, por exemplo, se ela começar com febre no início da tarde, elas me ligam para me avisar, mas elas já medicam, então eu não vou sair correndo daqui, desesperada, vou lá pegar ela, não, eu espero ver como é, se abaixou, como ficou, aquela coisa, né? A gente vai se virando nos trinta.

11) Tu achas que as mães devem trabalhar, mesmo que não exista necessidade econômica?

Com certeza, ou trabalhar fora ou ter uma atividade. Este é o maior legado que uma mãe pode deixar para um filho, é o exemplo. Se ela se realizar, mostrar valor, mostrar energia, então, é isto que o filho irá aprender, né? Falo porque eu, no meu caso, fora de cogitação eu ficar em casa, ser mãe tempo integral, “never”, nem pensar. A maternidade é maravilhosa, fundamental, eu acho que seis meses para todas as profissões, eu acho que isto vai acontecer, porque a maternidade é para qualquer mulher independente do trabalho dela e a gente voltando com seis meses, a gente tem mais segurança, sabe que está tudo certo, que o bebê foi amamentado, que conseguiu dar assistência que tu fez, tu te preparou, porque são nove meses e daí tu perde aquilo, é um período fundamental pra tu poder voltar legal para o trabalho.

12) Na hora de voltar tu nem te questionaste, tu te sentias pronta..?

Pronta, inclusive eu tinha várias amigas, que tinham me falado que já eram mães e diziam: “Ah, tu vai ver, que é um horror, que a gente fica...” Não, eu voltei sei pavor nenhum, pra mim foi natural, senti que era o momento e acho que esta segurança passou para nenê, que ela se integrou na creche de imediato, foi tranqüilo, não tive nenhum problema de adaptação com ela, aprendeu a comer lá, dormir sozinha, olha foi... também senti, porque várias colegas me disseram: “Ah! Tu vai ver quando tu voltar, tu não vai nem conseguir pensar, tu vai esquecer o que tu estudou, não vai saber fazer processos, não senti esta dificuldade.

13) Mas durante os seis meses tu não estudaste, só te dedicou...

É, não estudei, não dava tempo, também não tinha saco, ficar lendo... Esta estratégia que eu uso que é foco naquilo que eu to fazendo no momento, entendeu, ser mãe reforçou ainda mais isto ai, a gente tem que tá a cada segundo vivendo ali, fazendo, tá fazendo, se não a casa cai. Tanto que quando eu volto pra casa, ai eu to com a nenê,

também me organizei, né, contratei uma doméstica, terceirizei a casa e comida, claro final de semana eu faço, alguma coisa de comida eu faço, mas não lavo roupa, não limpo a casa, não quero nem saber, contratei uma pessoa para isto e aí eu fico sempre com a nenê, daí tu tem tempo pra ficar brincando, sentar com a criança, estas coisas, né?

14) Hoje tu te sentes diferente do que aqueles primeiros momentos da maternidade?

Sim, muito melhor e muito mais segura, é um aprendizado que... acho que a gente vai tomando as decisões, e quando as decisões são certas, a gente vai cada vez mais se sentindo segura mais forte. A defesa da cria é uma coisa impressionante, também as coisas, programações velhas, né, a gente fazia e agia inconscientemente que acabam vindo a tona e que tu tem que frear: “Não isto aí eu não quero passar para minha filha”, então comigo, a gente mesmo, né, tem um embate teu contigo mesma, aqui eu vou me resolver, isso aqui eu não passo pra ela. Isto é um aprendizado... É um salto quântico, claro que há muitas mulheres que passam por este momento de uma forma que ficam mal, entram em depressão ou com outros escapes, mas por isto que eu te digo, ser mãe velha por este lado é bom, que a gente consegue, pegar todo este leque de coisas e botar cada coisa no seu devido lugar. É a maturidade, né, que só vem com o tempo, não tem como.

15) E esse “mãe velha” foi uma opção?

Foi, porque assim, oh, eu fui pobre de marré, marré, marré, o que eu sou e o que eu tenho, eu construí com muito trabalho, estudo e luta, né, então eu não tinha nem como pensar em ter filho, tava na luta, vamos lá, vamos lá, vamos construir, e aí as coisas naturalmente vão se acomodando, eu tive um primeiro casamento quando era jovem, casei, com 22 anos, daí não deu certo, eu tava cursando faculdade, daí eu não tinha interesse em ter filhos, e achava que nossa!, ainda tinha muita vida pela frente, daí depois me divorciei, tive um tempo ser ter marido, nada, já tinha até desapegado da ideia: “Não vou ser mãe”. Mas daí conheci o meu, marido, a gente casou e veio a Sofia também em um momento que eu não estava esperando, eu estava ainda voltada para o profissional, querendo dar este último passo, que na verdade daí ela veio e agora a coisa se acomodou por aí, então ser mãe velha foi uma opção mesmo de poder levar o profissional... Eu não teria feito a metade dos cursos que eu fiz, tudo que trabalhei, tudo que estudei, seria totalmente complicado, eu ia ficar muito frustrada, com certeza

naquela época, tipo: “Está faltando alguma coisa aqui”. Mas agora não, eu sinto que conquistei muita coisa, fiz muita coisa, eu me sinto feliz, tranqüila, realizada. Sei que tudo que eu fizer mais, é um “mais”. Pode ser, mas também pode não ser, não estou preocupada com isto agora, estou vivendo o momento. Também tem outra coisa que eu observo em colegas minhas, foi tipo meio... eu engravidei e várias colegas engravidaram, amigas, mas cada uma com uma reação diferente quando nasceu o bebê. Tem uma que o bebê dela está sempre doente, eu acho..., não sei, alguma insegurança, ai vai de cada um, né?... Eu não posso jogar para o bebê, tá doente, então largo de trabalhar, se ela ficar doente eu sei que tenho que cuidar dela, mas eu também não preciso deixar de trabalhar, não é o meu feitio. Atendo os dois lados, priorizo o que tenho que priorizar. Não vou ficar em casa a fio, porque o nenê ficou doente.

16) E o fato de ser creche não contribuiu para ela adoecer mais?

Ela teve aquela fase das viroses inicialmente, claro ela está mais exposta, mas isto eu já estava preparada, todas as amigas já tinham me dito: “Olha creche dá virose”. O pediatra já tinha me dito: “Olha creche dá virose”. Mas eu não consigo, na minha ótica, em pleno século 21, como eu vou deixar uma criança com uma mulher, uma pessoa que não sabe atender pedagogicamente, uma criança na idade que está, e elas exigem muito, então eu vejo que a Sofia tem uma evolução enorme e ela tem as atividades dela, tem amiguinhos, tem rotina, eventualmente se ela for filha única, se eu não engravidar, ela já sabe que o mundo não é só dela, enfim uma série de coisas e ai quanto mais cedo ela pegar as viroses melhor, ia acontecer... imuniza. E antes de ser mãe a gente não tem muita noção assim do que é ser mãe, claro a gente imagina, mas nada como viver a experiência. É uma experiência maravilhosa em todos os sentidos, o salto quântico que a gente dá, como pessoa tu passas pra um patamar de entender várias coisas e sobretudo acho que fazer mais a defesa do teu espaço, a defesa das coisas que te importam, porque agora não é mais tu, tem um filho pra dar exemplo, pra dar um rumo, a natureza é sábia, tu sente que mudou, mudança pessoal mesmo. Mudou, eu mudei bastante também o meu jeito de ser até em termos profissionais, que eu passei muito mais a ser observadora e antes eu até demorava um pouquinho pra entender as respostas emocionais dos outros, eu tinha que meio que parar para pensar, hoje eu já capto na hora, assim oh, está ai, tá se fazendo de vítima, ou isto ai é uma chantagem, etc. Então eu já vou, não entro mais em determinadas questões emocionais que como chefe a gente recebe muitas projeções, né, dos problemas das pessoas, do estado

emocional de cada uma delas e eu já consigo separar: “Olha, isto aqui não é meu” Porque eu no papel de chefe as vezes me apresento como mãe, que tá dando limite. Eu trabalho só com mulheres, tenho dez meninas subordinadas, então já sei dar respostas muito mais eficazes.

16) A experiência da maternidade te ajudou nesta habilidade de conduzir melhor os subordinados?

É exatamente nisto ai que entrou bem, foi fundamental.

17) Queres acrescentar alguma coisa?

Eu acho também que esta parte da relação com o marido, esta parte mulher, que a gente fica totalmente voltada pra cria, daí como é importante tu ter um companheiro que também seja maduro para o momento, que não vire aquele gurizão que ai...”tu me abandonou!” e coisas do gênero. Eu contei com este companheiro graças a Deus! Meu marido passou por todas as etapas, sabe, teve aquela coisa de ter vivido intensamente a adolescência, então quando casou, que nem eu, a gente estava pronto pra isto e quando veio a S, fora a tripulação entre a família, enlouqueceram todo mundo, daí a gente colocou cada um no seu devido lugar e foi aquele... turbulência do vôo.

18) Mas tu sentiste que foi mais difícil pra ti que pra ele?

Foi mais difícil pra mim, porque pra ele, ele já tinha toda esta experiência de vida, de botar limites e tal, eu já tinha uma postura mais de “vou harmonizar, vou abrir, vou ver” Procurando atender as necessidades de cada um e é por isso que eu te digo que isto mudou, no meu lado profissional, que eu tinha este outro enfoque de chefia, mais de harmonizar, de coordenar. Hoje eu já sou bem mais seca e direta, e te digo que funciona muito melhor.

19) Ficaste mais objetiva...

É, não vivo carregando pedra dos outros, né.

20) E hoje passou esta coisa da família?

Não ainda está bem no auge, não por nós, mas a minha família vai levar um tempo para processar, absorver... Mas nisto eu to tranquila, porque sei que fiz a coisa certa, vai dar volta, tudo vai para o seu lugar.

21) E o que foi mais fácil na maternidade, que antes tu achavas que seria mais difícil?

O lidar com o nenê foi mais fácil, eu achava que seria complicado, mas a S. foi bem, foi muito natural, encaixou sabe, ela é um nenê tranquilo. Sempre foi de dormir legal, neste ponto achei que teria mais dificuldade, mas não, a amamentação eu achei que fosse um pouco mais fácil, mas levou aqueles cinco dias que a gente fica... a gente não sabe nada, faz isto, faz aquilo.

ANEXO E: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PARTICIPANTE 2, LIA,  
REALIZADA NO DIA 13/09/2010

1) O que foi mais difícil pra ti na maternidade?

Ah! Não teve nada difícil pra mim, foi tão planejado, eu quis tanto ter um filho, eu inclusive havia desistido já, achei que não ia mais engravidar. Já tinha feito tratamento e não tinha dado certo, daí quando eu desisti de tudo, quando eu vi, eu estava grávida, com 44 anos, então eu acho que o mais difícil é o corpo mesmo, o físico da gente, né? Aquele barrigão, isso é que é difícil, assim... no mais foi tudo tranqüilo, assim, né, o bebê, tirando aquela primeira semana, que é mais complicada, a gente se ajeitar com banho, amamentar foi muito difícil, achei bastante difícil, mas fora isso assim do corpo mesmo, do físico, eu não achei nada difícil e como o meu trabalho é em casa, eu tenho os meus clientes e diminui o um pouco o trabalho, porque eu achava que tinha que diminuir, porque em casa faço muitos contatos para os eventos, então diminui e fui retomando aos pouquinhos.

2) O que tu havias planejado antes ocorreu?

Não, não ocorreu exatamente como eu tinha planejado, porque o meu marido profissionalmente decaiu, né, e ele não estava mais tão bem e eu tive que realmente assumir a casa em termos econômicos, então, não é o que eu havia planejado. Eu pretendia diminuir bem mais, não ficar com esta responsabilidade de manter a casa.

3) Em termos profissionais chegaste aonde querias ou tem mais alguma ambição?

Em termos profissionais, provavelmente diferente das outras pessoas que tu entrevistaste, eu já tinha um patamar, eu já tinha o meu sucesso. Eu tinha o meu escritório, então o que realmente eu estava almejando era ter filho, esse era o meu sonho. Profissionalmente me sentia realizada, claro pensei... penso em fazer um mestrado... quando eu fiquei sabendo que estava grávida eu estava planejando fazer um mestrado e tive que suspender, mas isto necessariamente não é um problema, porque o que eu queria era ter filho, né ?



4) Tu achas que as mães tem que trabalhar fora mesmo que não exista necessidade econômica?

Ah! Eu acho que não tem que trabalhar, eu se não tivesse necessidade econômica eu não trabalharia, mas até porque eu já tinha chegado num topo profissional, assim, então, este meu lado estava bem satisfeito, mas eu não trabalharia se não precisasse. Ontem eu fui na pracinha com ele de tarde, que coisa boa poder curtir, eu curto esta função de ser mãe, essa função com ele. Às vezes é complicado tu ter que trabalhar e atender a casa, atender clientes, ter um evento e ter que deixar o bebê... se eu não tivesse que trabalhar pelo menos parar uns dois anos e depois se quisesse retomar, eu acho que isto seria o ideal, assim pras mães... E também o que eu conto é com a ajuda do meu marido, eu não pensei que fosse poder contar com ele, tanto como eu conto, de me ajudar, de ficar com o bebê quando eu preciso, porque eu tenho eventos em diferentes horários... e poder contar com ele, isto realmente foi algo bastante bom que eu não achava que seria assim...

(Neste momento o bebê acorda da sesta e não conseguimos prosseguir na entrevista).

ANEXO F: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PARTICIPANTE 3, CARLA,  
REALIZADA NO DIA 17/11/2010

1) C. o que foi mais difícil pra ti na maternidade?

Lidar com a angústia, com a insegurança, com o novo, com aquilo que a gente não conhece, né? Acho difícil isto, quando acontece alguma coisa que tu nunca viu, nunca se deparou, saber como lidar com aquilo, acho complicado... é complicado.

2) Como tu te sentiste quando tu tiveste que retornar ao trabalho? Como é que foi isto?

Eu me senti muito bem, porque eu acreditei que havia conseguido montar uma estrutura segura pra ele, se eu estivesse insegura em relação a como ele estaria, eu acho que poderia ter sido mais difícil, mas eu acho que foi tranquilo.... assim o retorno foi tranquilo, até porque eu estava acostumada a trabalhar e eu já não aguentava mais ficar em casa, isto já tava me sufocando eu tava precisando sair um pouco daquela neurose, porque se torna uma neurose...tu só vivencia aquilo , eu não botei o pé pra fora de casa, sabe, eu não recebia visita porque ele nasceu numa época em que estava a crise da gripe A, então os médicos recomendaram que ele ficasse só em casa sem receber ninguém, passamos três meses enclausurados, praticamente não saia, só ia na consulta médica, voltava pra casa , ia na farmácia comprava fralda, remédio, essas coisas..., então quando eu consegui sair de casa eu senti um alívio, claro que a rotina depois fora de casa é um tanto complexa, é complicada, eu ligo pra casa umas quatro, cinco vezes por dia , porque tô sempre monitorando tudo a distância, mas eu me sinto muito segura, porque sei que ele ta bem cuidado, então pra mim de certa forma foi tranquilo.

3) O que tu achavas que ia ser , ocorreu....? Não, eu achava que ia ser um horror de difícil eu achava que ia morrer de culpa, com medo, me preocupando, se ele tava bem, se ele tava comendo ou não tava comendo, eu achei que seria mais complicado eu tinha medo, porque eu não sabia se eu ia ter alguém para cuidar em casa ou ia colocar num berçário, eu tinha muitas dúvidas, mas com o passar do tempo as coisas foram se acalmando, foi menos traumático do que eu imaginava.

4) Tu achavas , assim que, fora essa coisa de voltar, né que isto até foi melhor que as tuas expectativas, mas a maternidade foi dentro das tuas expectativas, ou tu achaste, assim, mais difícil ? Aquela função...

Eu achei... é que é um somatório de coisas, né? Eu achei a amamentação muito difícil, eu não imaginei que fosse ser tão difícil, eu tive vários complicadores, eu tive sangramento, eu tive ameaça de aborto, eu tive que ficar uns meses em casa logo no início, de cama, enfim sem saber ao certo o que estava acontecendo, não tinha uma causa específica é isto ou aquilo... e eu

lido muito com respostas, pra tudo tem uma resposta, eu não sabia o que estava acontecendo, então fiquei muito perdida, e maternidade é um pouco isto, tu não saber direito o que está acontecendo, então enquanto eu não tinha o domínio da situação, tudo foi muito complicado, agora depois que eu consegui esquematizar tudo, a coisa se tornou um pouquinho mais tranqüila, então a gestação foi muito difícil e os três primeiros meses foram muito... muito... muito além da expectativa da dificuldade, porque o T... eu não tinha leite, eu tomava cinco litros de água por dia pra ter leite, tinha uma alimentação saudável, eu me cuidei de tudo que foi forma, porque eu queria parto normal, não pude ter, eu queria amamentar, não consegui amamentar, com um mês de vida não ganhava peso e aí a gente descobriu que ele tinha alergia alimentar, então foi todo um esquema que se criou também para ele conseguir se alimentar, desenvolver, junto com isto ele tinha muita cólica, então ele berrava o dia inteiro, então os três primeiros meses foram uma grande tortura, mas passado isto lá pelo quarto, quinto mês foi ficando mais fácil, porque até então foram só dificuldades, depois tudo foi indo para o lugar.

5) Em termos de metas profissionais, as metas que tu tinha antes de ter filho, tu continuas com estas mesmas metas, ou estas metas mudaram?

Mudaram... mudaram, se abrandaram, muito, muito...

6) Em que termos assim...

Ah! Não tinha ruim pra mim, não tinha difícil, eu estava sempre disponível pra tudo, em todos os momentos, se eu precisava sair daqui hoje, viajar, arrumava a mala e não sabia quando voltar, não ter hora, não ter difícil, me incomodar muito, sabe... e resolver isto internamente, sacudir a poeira e começar tudo de novo e engoli sapos, enfim, me submeter a uma série de coisas, por um determinado objetivo eu faria, hoje em dia não... eu se me incomodo muito durante o dia eu fico rebolando pra ver como é que eu chego em casa, se eu não quero chegar com esta carga em casa e transmitir isto de alguma forma pro meu filho, então eu me preocupo até com uma questão energética, se eu to muito, muito, muito mal e as vezes isto acontece dos dias serem muito exaustivos ou exigirem demais da gente ou realmente tirarem a gente do sério eu quase sempre chegava em casa assim, uma pilha, então hoje eu tento não ficar, eu nem me permito, assim, me expor tanto e se me exponho eu fico muito preocupada, tento assim fazer uma depuração antes de chegar em casa, pra não atingir ele de qualquer forma, tento blindar o T. do resto do mundo, digamos assim, então realmente já não me submeto a uma série de coisa e certa forma a eu acabo abrindo mão de certas coisas, né? Fazendo com que o ritmo de vida seja um pouco mais lento, assim, digamos, mais tranqüilo, eu não sei até quando isto vai ser assim, mas que mudou muita coisa na minha visão de mundo, mudou muito... Eu pretendo me dedicar muito mais a ele, e se for o caso abrir mão de determinadas coisas para isto, eu abro...

7) Em termos de cursos, assim, não sei se tu tinhas ideias de fazer algum curso específico antes dele nascer e que mudou com o nascimento?

Não, eu não tinha nenhum planejamento, mas meu marido sim, e não conseguiu se organizar assim de novo, até esses dias disse pra ele, o T. tá com um ano e três meses, ele tá bem, bem estabilizado, então agora volta, retoma um pouco a tua vida, porque a pessoa não pode deixar as coisas que são realmente importantes de lado, mas esta programação eu não tinha, não tinha mesmo.

8) Tu sentes que tu tinhas chegado aonde tu pretendia?

É... porque de certa forma eu estava numa situação bastante confortável, né? Só que na minha profissão, antes de tu encerrar alguma coisa, tu já tem que tá pensando em outra, né? A gente aqui no escritório sempre foi muito de planejar, né, de objetivar e ir atrás, obviamente como a C. (sócia) teve filho, em seguida eu tive, sete meses depois eu tive, a gente baixou bastante o ritmo, as duas e em razão disto o escritório baixou de certa forma o ritmo também, pela chegada das crianças, então foi uma coisa bem... sentida, né, e das duas, se a gente tivesse dado um intervalo de tempo melhor, maior entre as crianças, quem sabe eu ou ela estaríamos hoje mais liberadas para tocar algumas coisas, mas a gente não fez isto e eu principalmente por causa da idade, né, eu tive o T. com quase 38 anos, 37 pra 38, então quando eu decidi ter, eu não tinha planejamento nenhum de ter filho, eu imaginava que eu não fosse ter filho, então eu decidi ter e tive, não foi uma coisa programada desde quando eu me casei, eu não tinha este objetivo, então em 2008, por aí, é, foi cerca de um ano antes de engravidar é que eu decidi que isto ia ser importante na minha vida... Antes eu nunca quis... Sempre me dei bem com criança, tenho vários sobrinhos, sabe, tenho uma relação muito boa e um carinho muito grande, mas não... nunca fui indiferente a crianças, mas nunca quis ter...

9) E o teu marido?

Queria, mas ele sabia que eu não queria... e precisa de mulher, né? Mas depois também até em função de muita, coisa de trabalho, sabe, de muita vivência, de muita coisa que eu vivi, que eu vivenciei, que é muito pouco, sabe, o mundinho que a gente vive é muito pouco, eu senti muito pouco, é, e aí eu me permiti e realmente foi uma escolha muito acertada, acho que a minha vida seria muito pobre se eu não tivesse o meu filho, muito pobre...

10) Acrescentou...

Muito, bah! Meu Deus!

11) Que idade tem o teu marido?

Tem 37.

12) Tu achas que as mães devem trabalhar fora mesmo que não exista necessidade econômica?

Eu acho que as mulheres... eu acho que as mães precisam fazer aquilo que elas entendem que é necessário pra elas se sentirem satisfeitas... não sei se respondi a tua pergunta... eu não acho que alguém tem que fazer alguma coisa, a mulher, no caso a mãe, em resposta aquilo que os outros esperam, entende, eu acho que se a mãe sente bem estando em casa, administrando a casa, porque é uma coisa muito difícil fazer, administrar uma casa... é uma engrenagem, né, então eu acho que se a mulher, mãe, entende que está suprindo as suas necessidades, ali, porque é exaustivo, eu por exemplo, não tenho esta habilidade...

13) Tu não te imaginas...

Nunca! Eu não me imagino, porque eu acho que é um universo que por mais complexo que ele seja, ele é muito limitado, ele é muito limitado, então pra mim... claro eu sou acostumada com isto (trabalho) desde sempre, eu tive o exemplo da minha mãe, que trabalhou a vida inteira, eu sai pra trabalhar com 18 anos, por livre e espontânea vontade, então eu acho que torna inerente a pessoa aquela necessidade, então, pra mim, eu acho que não seria possível, mas eu acho que se aquela realidade, aquela vivência basta para aquela mãe, é óbvio que é possível, tem pessoas que são super realizadas fazendo isto e se sentem super bem com isto, na verdade pode não ser só isto, vai fazer um curso de pintura, vai fazer os seus hobbies, vai preencher o seu tempo, porque as crianças crescem, né? O filho vai pra creche, o filho vai pro colégio, o filho tem cursos extracurriculares, o filho tá preenchendo o dia dele, agora ficar só na função de mãe, eu acho brabo, ficar babando no ovo do filho, eu acho complicado, ficar sombra do filho, agora se a pessoa acha interessante aquela coisa de administração da casa, porque assim, eu tenho funcionárias, tem que administrar os funcionários, daí tu tem que pensar no que tem, no que falta, no super, na programação do dia, o meu filho é bebê, mas eu vejo que ele tem necessidades, então eu fico pensando o que a gente pode fazer para estimulá-lo... vamos botar numa aula de música, vamos... e tudo tem uma logística, né? Tu trabalha fora, mas tem uma logística, a minha rua eu acho complicada de passear, então eu não autorizo que ele saia pra rua, então tem que pensar agora que esquentou, como é que eu vou fazer para levar a minha babá com o meu filho para passear numa pracinha se eu tenho que trabalhar? Se eu tivesse em casa da mesma forma, vou arrumar os horários, tais e tais pra que eles façam determinadas atividades, então é complexo, quando tu vê o dia já começou, mas o dia já começou e já terminou, já passou o dia, então eu não acho que seja um subproduto, entendeu, as pessoas vêem isto as vezes, como se a pessoa não fizesse nada, né? E não, eu acho que a pessoa faz muito, mas muito, mas não me imagino nesta situação, porque acho que não é a minha característica, eu acho que ia me complicar, eu não me acho uma boa dona de casa, mais tem muita mulher que tem muita habilidade pra isto e desenvolve super bem.

14) E hoje como é que tu te sentes diante de toda reorganização, que tu teve que fazer na tua vida, depois da chegada do T., como a mulher C. se sente hoje, nesta realidade?

Pois é... eu descobri em mim esta coisa da maternidade que era uma coisa que nunca despertou em mim, não relógio biológico, não foi nada disto, não foi um desejo, não foi o fato de eu ser casada, não era um planejamento de vida, não era mesmo, não era uma programação, foi tudo um contexto que acabou culminando nesta decisão, hoje eu sou mãe, não existia este sentimento na minha vida, como mãe eu me sinto plenamente realizada, acho que meu filho é um presente... (chora). Eu sou muito chorona...

Mas como mulher minha vida mudou completamente, eu não sei, eu to sempre olhando no relógio, to sempre contando o tempo, sempre correndo, é complicado, é bem complicado, minha vida não é mais a mesma, mudou muito, muito, muito, muito, eu gostaria de ter a possibilidade de ter o meu filho, com um pouco da vida que eu tinha antes, fazer uma salada e... porque é complicado, não posso negar, mas é gratificante, então a gente acaba abrindo mão de algumas coisas em prol desta novidade, mas é uma logística difícil, bem difícil, conciliar. Eu acho que eu preciso manter as minhas necessidades, entende, então eu procuro, pelo menos fazer algumas coisas, por exemplo, fazer a minha unha uma vez por semana, ir no salão... algumas bobagens que eu acho que são importantes, né, pra gente se manter assim no mundo, né? Mas por exemplo, nos fizemos nossa primeira viagem de avião com ele, agora no feriado, e ele tem 1 ano e 3 meses e no hotel que nós estávamos tinha um casal com um menino de 1 ano e 3 meses e um bebê de 40 dias e eu fiquei olhando para aquela família e fiquei impressionada, né, com a disposição, e né, eu achei muito interessante aquilo, inclusive a gente veio e isso eu acho uma vivência muito importante da gente ter, a gente veio cheio de ideias porque eu disse pro A. (marido) a gente precisa se liberar de determinados medos, né, porque a gente acha que sempre vai dar errado e não é bem assim, a gente subestima as crianças porque são pequeninhos a gente subestima, né, eu achava que ia doer o ouvido, eu achava que ele ia estranhar o avião, eu achava que ele não ia ficar sentado na poltrona, enfim, eu achava que ele ia chorar o vôo inteiro e ia importunar todos os outros passageiros, eu achava um monte de coisas, então eu segurei, segurei, segurei, quando a gente viu que ele deu um show no avião e que ele nem tinha ideia, tava adorando tudo, então a gente disse vamos nos programar e uma vez por mês vamos viajar e depois quando eu vi aquela criança de 40 dias e mais um de 1 e 3, porque eu fui com o A (marido) a L (babá), tinham três adultos pra cuidar dele, aquele casal tava sozinho com duas crianças pequenas, então a gente vê que a gente se mixa as vezes em situações muito mais simples a gente cria uma coisa enorme, então, mas é gostoso, todo o dia a gente aprende um pouquinho.